

Quem ama educa

Içami Tiba – Médico psiquiatra e professor

Presidente de mesa: João Pessoa de Albuquerque – Presidente da ABE



Para iniciar, peço a vocês: façam fofoca do que ouvirem nesta palestra. Porque a melhor maneira de transformar informações em conhecimento é usá-las. E, usando a informação, estamos transformando-a em ação e, portanto, em conhecimento. A melhor forma de registrar o que queremos é pela prática. A prática envolve tanto os mecanismos de memória, que, às vezes, fazemos um gesto e logo vem a palavra, que não estava na memória. Seria o ideal que os professores transformassem a informação em conhecimento, e não apenas estimulassem a "decoreba" de informações, pois receberiam de volta outras informações dos alunos, e deixariam sedimentados neles resíduos de real conhecimento.

Eu abordo um tema em meu livro "Ensinar, Aprendendo – Novos Paradigmas em Educação" a respeito dos professores que chamo de "estupradores mentais". Imagine que o professor se prepara para dar a aula, entra em sala e vai logo despejando sobre os alunos a sua matéria. Na qualidade de médico, tenho a visão de que alguma diferença de comportamento representa um quadro: é preciso estabelecer um diagnóstico e um procedimento que pudessem ajudar as pessoas. Portanto, acredito que há a possibilidade de os alunos se aquecerem. Para preparar o cérebro dos alunos, uma boa idéia é perguntar se alguém se lembra da última aula. A maioria dos alunos nem se lembra dessa aula. Para azar destes, sempre tem alguém que se lembra. Portanto, o negócio é perguntar, porque, depois, os que estavam esquecidos acabam se lembrando. E, aí, o professor tem que ser generoso. Dá um ponto para aquele aluno que se lembrou, porque, em seguida, outras palavras surgirão.

O relacionamento professor-aluno tem que mudar. É por isso que eu denomino de "novos paradigmas". Já não cabe mais no emprego a figura da chefia, e sim de líderes. Esse termo "chefia" é deixado para a História. O que dava orgulho no passado, hoje não dá mais – é andar de marcha ré. Quando nós éramos crianças, bastava o nosso pai olhar e abaixávamos a cabeça. Hoje, os filhos não obedecem dessa forma. Não há qualquer livro de psicologia escrito há 40 anos que dissesse que os filhos iriam maltratar seus pais e seus professores, como fazem hoje. Naquela época, utilizavam-se todos os expedientes para se manter a ordem.

A idéia, hoje, dessa palestra "Quem Ama Educa" é avaliar a nossa responsabilidade no preparo do futuro cidadão. Quando um aluno desrespeita um professor, está desrespeitando a educação. Aí nós perdemos a oportunidade de ter um cidadão com "C" maiúsculo. Porque é mais complicado lidar com uma população de baixa renda, sem cultura. Especialmente em épocas de eleição, uma vez que, quanto mais simples as pessoas, mais admitem a utilização do poder, pelos governantes, em benefício próprio. Com a sociedade reforçando o abuso do poder em benefício próprio – na base do "qualquer um que estivesse lá faria o mesmo" -, corremos o risco de passar a imagem do país pela ignorância, na pelo conhecimento. Precisamos, portanto, fazer o máximo possível para não perder os alunos.

Não podemos tratar os adolescentes como se fossem crianças. Por exemplo, o aluno que se atrasa para a aula não deve ser suspenso, porque se estará premiando esse aluno, uma vez que a intenção dele era não assistir à aula. Deve-se incluir esse aluno, isto é, fazer com que ele pergunte a um colega o que foi ensinado, e que na próxima aula explique o que foi dito. Premie com ponto tanto esse aluno, quanto aquele que o auxiliou. Os conservadores, jurássicos, dirão: "Como? Então é preferível ficar atrasando porque tem o benefício do ponto". Mas os alunos não são iguais. Deve-se observar, dentro do viável, sem perturbar o andamento grupal, o lado individual – esse é um gesto de amor, educativo, para que o aluno não perca aulas.

Aprender é como comer. A boca é a última instância útil do nosso rosto. O cérebro está acima de tudo e seleciona, pela motivação, através do olhar, aquilo de que precisamos. Quem está com fome seleciona o que vai comer a partir de suas necessidades e o que se oferece para comer. Na hora do almoço, o cérebro começa a mudar – isto se chama "motivação pela fome". Se o ato de aprender é semelhante ao ato de comer, então o professor tem de ser um "gourmet". É preciso preparar a aula com apelo visual, com coisas agradáveis e algo digerível, palatável. Em geral, os professores de matérias "exatas" não têm coração – estou me referindo àquele vetusto cidadão, professor de matemática, 30 anos de carreira, que nunca assistiu a uma reunião porque se julga um especialista em matemática e não vê utilidade em modificar seus métodos, pois está próximo de se aposentar. Ao não preparar suas aulas, esse professor concorre para o aprendizado na base da "decoreba" – ou seja, os alunos engolirão todo um material didático falsamente nutritivo, que vai causar enorme indigestão. Dessa forma, os alunos só estudam na véspera da prova.

É isso que estamos ensinando a esse cidadão. Alguém concebe um funcionário que só faz metade de suas tarefas? Se um aluno precisa somente de uma nota 5, estuda apenas as páginas ímpares. Nós teremos um cidadão que vai trabalhar o mínimo possível, para não ser mandado embora, e seu patrão também pagará o mínimo para que ele não se vá. Quer dizer, é o "vínculo dos mínimos" – e isso não é amor, mas a exploração de um pelo outro. A exploração do empregado é não trabalhar; e a exploração do patrão é não pagar. Então, este é o país que acabamos formando se não compreendermos que o aprender é como comer – os alunos têm que transformar o que ensinamos em algo que seja útil, móvel, plástico, e que possa mudar suas vidas. Voltando ao exemplo daquele quase aposentado professor de matemática, geralmente ele não contextualiza a matemática no dia-a-dia em suas aulas. Em outras matérias, os professores preparam trabalhos, estimulam os alunos, utilizam-se dos exemplos dos fatos diários para justificar o ponto que querem abordar – às vezes sem seguir o conteúdo programático.

O professor fornece informações, não conhecimento. A não ser na aula prática, num debate, quando se prepara um conteúdo para discussão. Desse jeito se aprende mais. Às vezes, é muito melhor o professor dividir a aula em segmentos e atribuir a grupos de alunos a tarefa de apresentar uma parte da matéria. E a aula seguinte seria a cobrança dessa tarefa. Muitas vezes os alunos trazem muito mais elementos do que sabemos, por causa, sobretudo, da Internet.

Alguns professores continuam a repetir a mesma matéria que estudaram em seus cursos de formação. O que faz com que a pessoa queira aprender é a atualização, para que se possa fazer muito mais do que ela aprendeu. Não existe manual que ensine como lidar com os alunos – os alunos são os nossos manuais. Nós aprenderemos com eles de que maneira eles querem aprender as coisas – às vezes não é o nosso método que mais funciona, e sim aquele que faz mais sentido para os alunos. O professor que repete sempre as mesmas coisas, do mesmo jeito, é um "decoreba", porque engoliu um "script" de aula, e vive repetindo, fazendo cópias, não atualizando. A atualização é que dá vida ao "jurássico" – que deixará de sê-lo.

É preciso, também, entender que existem muitas diferenças entre meninos e meninas (o homem e a mulher). Quando eclodiu a revolução sexual, as mulheres queriam ser iguais aos homens – e se deram mal, porque adquiriram doenças masculinas, sem obter os benefícios masculinos. Graças a

Deus, homens e mulheres são muito diferentes. Nós precisamos ensinar essas diferenças. Não sou machista, nem feminista – baseio-me na biologia. A educação precisa ser concreta, isto é, todos devem falar uma linguagem comum. Do contrário, cada professor falará de uma maneira diferente. O homem, nesse aspecto, muda pouco de comportamento. Já a mulher muda mais – às vezes mais exigente, mais tolerante adotiva, etc. Toda instituição tem que ter uma identidade, e os professores têm que ser seus representantes – e não se representarem a si próprios individualmente. Esse é o grande erro da educação: quando o pai e a mãe falam diferentes coisas, o filho faz uma terceira; se o professor e a professora falam coisas diferentes, o aluno faz o que bem entende, e coloca os dois em rota de colisão. Tudo por causa da incoerência, da inconstância.

Cada escola precisa ter uma identidade própria porque o corpo de alunos vem de lugares distintos. As transgressões comuns em uma escola podem não ser em outra. A minha sugestão é que, no começo do período letivo, cada professor identifique quais as transgressões mais comuns, fazendo um inventário e avaliando quais as medidas a serem tomadas por todos. Por exemplo, o atraso do aluno deve exigir a conduta uniforme de todos os professores. Se cada um adotar uma medida individual, aquele aluno não vai aprender. Isso significa coerência. Mas também é consequência. O princípio “corrigir com as mãos os que com as mãos estragou” representa com precisão essa postura coerente: se xingou, corrigirá com palavras; se machucou, terá que fazer curativo. A escola deveria, portanto, se valer da educação a seis mãos, porque há casos em que não existe a cidadania familiar, e esses jovens vêm egoístas para a escola, sendo, por vezes, resultado de educação neurótica, escapando ao controle dos professores.

Há uma confusão de papéis muito grande. O professor tem que demonstrar autoridade inerente à função de educador. Ele representa a escola. E os pais também têm de ser respeitados em casa, pois quem não os respeita não respeitará o professor. A escola é fundamental para educar, formar e construir um cidadão – são estágios necessários pelos quais o jovem precisa passar. A escola tem uma linha de ação e se alguém não concorda que procure sair. A escola assemelha-se a um território, um país, que tem suas leis, suas regras, que não podem ser transgredidas. É necessário estabelecer um canal de comunicação com os pais, orientar, indicar a leitura de livros, em suma, uma verdadeira educação de pais, com o objetivo de que se preparem para educar seus filhos. Diante de uma situação de arrogância ou falta de educação dos pais, deve-se entender que sempre lidaremos com pessoas de nível cultural igual, acima ou abaixo de nosso. A própria escola tem de enfatizar que a “pessoa do bem” deveria usar três expressões para entender e se relacionar com o outro: **ajudar** os que estão abaixo; **associar-se** aos do mesmo nível; e **admirar** os que estão acima.

Esses dados são fundamentais para podermos aplicar o conceito “Quem ama educa”. No fundo estamos preparando uma pessoa para ser um cidadão. A educação não significa mais ter determinado conhecimento apurado como critério para se vencer na vida. Tem muita gente que sabe tudo, tira dez nas provas, aí comparece a uma entrevista para obter emprego e não é aprovada. Isso porque faz sempre o que lhe mandaram. E, hoje, procura-se quem sabe se “virar” melhor, não quem sabe fazer melhor o que é pedido. Tem gente que se especializa tanto, que acaba se atrofiando. O aluno precisa absorver tudo o que lhe é passado e avaliar de que maneira utilizará esse conhecimento para a sua vida. Para que o país tenha como meta o progresso, faz-se necessário que o povo tenha disciplina e ética. Esses valores não são enfatizados pela atual formação familiar. O professor precisa ter a nobreza de se colocar numa posição moralmente superior e dar o exemplo ao aluno. O professor é o operário da mudança da educação no Brasil.